

Bando Escolástico

da Festa da Academia Vimaranesse

"O S. NICOLAU,"

Recitado neste dia 5 de Dezembro de 1953,
pelo aluno do 5.º ano,
ÁLVARO DAVID VILHENA FERREIRA

e
Composto pelo Velho Nicolino
T. MENDES SIMÕES



Cónego JOSÉ MARIA GOMES

Professor exímio, dotado de inteligência privilegiada,
muito honrou o Liceu de Guimarães, onde formou o
Intelecto de tantas Gerações Nicolinas.

Do Tempo o curso inclemente,
Em seu veloz cavalgar,
Não consegue quebrantar
As ansias da alma crente,
No seu canto comovente
De Gratidão Salutar.

M. S.

EU, DOM FARUK LANDRÚ,
EX-FARAÓ DO EGITO E SOBA DE KATANGA,
ORA VESTIDO, ORA SEMI-NU,
ORA CINGIDO DE TURBANTE E TANGA,
EM HONRA DO PROFETA DE MAFOMA,
JUNTO ÀS MURALHAS DE MOKA E MEKA,
ALÉM DOS PELOS DA MINHA CARECA,
LEGO OS MEUS CHARAMELEIROS E A SANFONA,
POR QUE A VELHA FESTA NICOLOINA,
EM RITMO CRESCENTE E GALHARDIA,
SEJA SEMPRE ALEGRE E FINA,
HONRANDO GUIMARÃES E A ACADEMIA!

Pelo Al-Korão! Por Mahomé!
Cumpra-se o teor da Lei!...
Fique o decreto em pé!...

Soldado do Dever, obedecendo à Grei,
Perante o vosso apêlo, amigos, que farei,
Que não seja ofertar mais uma réstea quente
Do meu ideal de sempre a responder: *Presente!*
E aguardar que a Lira, em estilo nobre e fino,
Na forma brauliana, entoe mais um Hino.

Glória da Igreja e da romana Lycia,
O' Bom São Nicolau, antístete de Myra,
A Ti este Poema — o meu canto em primícia,
Aquecido ao calor da Nicolina Lira!
O' Santo Protector, a Alegre Mocidade
Ampara na Virtude e culto da Verdade.

O' Velhos, eu vos dou daqui meu parabém,
A vós que envelheceis a praticar o Bem!
Honrando uma vez mais a Antiga Tradição,
(O' doce recordar! Saudade que não finda!)
Também ireis levar a maçazinha linda
A' dama outrora eleita em vosso coração!
Ouvi-me, por favor: Já o Bráulio Amigo disse,
Naquela graça fina, ao Vate peculiar:
*Ninguém proíba a ingénua e tímida velhice
De ter horas de gôzo e noites de luar!*

O' vós, que me escutais, ó pássaros bisnaus,
Que tudo enxovalhais com língua maldizente:
O' vós que pertenceis à legião dos maus,
Eternos portador's do vírus da serpente,
Vinde de perto ver, dizei-me: haverá igual
Ao lindo chafariz que temos no Tourai?

Vendo a Mulher Fatal, correndo espavorida,
Envolta no roupão, melena ao vento erguida,
Fazeis um finca-pé e, malsinando a História,
Dizeis que é Deu-la-Deu, que é Vénus, a Vitória,
D'Aljubarrota a heróica e bélica Padeira,
De Sócrates a Esposa, a irmã de Xenofonte!...
O' néscios, aprendei: — E' Maria da Fonte!...

Agora, amigos meus, aí vai a prevenção,
Por que não haja apêlo ou vã contestação:
Usando do poder que lhe confere um uso,
Agora que ressurge um novo chafariz,
A nossa Academia, ao constatar abuso,
A' face do Estatuto, obrigará o intruso,
A mergulhar ali a *tola* e o nariz!

E embora a causa esteja em plena forma e curso,
O bico calará... não levará recurso...

Se um dia te tentar's a entrar no *Milenário*,
Repara no *Painel*, a fresco, extraordinário!...
Um Eden Terreal, de formas sibílicas,
Com frutos a tentar... abóboras meninas...
Da Flora Tropical... as plantas mais bonitas...
E outras coisas mais, de formas exquisitas...
Ginetes a voar, fortes, d'anca roliça,
E muita, muita mais riqueza de hortaliça...
O Incola Primeiro, antilopes... faisões...
E, em típico perfil — *Rosinha dos Limões!*...
O' Braga, também tu, num gesto arquilendário,
Honraste Guimarães, criando o *Milenário!*...

Como um trovão furioso, horrífico, hibernal,
Um sismo fez tremer o Largo do Toural!
E a *Caixa*-realidade a efectivar anelos,
la surgir famosa, em traços os mais belos!
Parecia um vendaval de tectricas vinditas,
A condenar a airosa *Sala de Visitas!*...
Igreja de S. Pedro, o sismo... o furacão...
Escusas de temer... pois não irás ao chão...
E a *Caixa*, de primor e traça sem igual,
Há-de surgir sem ser no centro do Toural!

A onda lá passou, deixando imenso susto...
Balela que largou a voz dum «badameco»,
Foi injeção que deu e suportou a custo!...
Que o diga o velho amigo — Eduardo Parrameco,
Que teve de tomar, em dieta certa e ordeira,
Calmantes prà tensão... xaropes de cidreira...

Sonhei um sonho lindo, alegre, aliciante...
Que a sorte temperou de fel amargurante!...
E vi surgir, ao som de autêntica sanfona,
Ovante, donairoso, a praça *Mumadona!*
Com a *Condessa* ao centro, um mimo de beleza,
Fiel ao tal «Croquis» de engenho e singeleza!
Mas como aconteceu ao grupo do *Vitória*
Que conseguiu fugir da situação inglória,
Na tectrica *Babel* daquela contra-dança,
Em que levanta e cai... balança e mais balança...
O alicerce diz: *daqui jamais eu saio!*...
E nem sequer balanço!... *E ficarei!*... *não caio!*...

Passou o vendaval!... Vão longe as *Eleições!*...
Morreu num desfazer pungente de ilusões!...
Sem mesmo saciar inclinações inatas,
O Povo nem cheirou carneiro, nem batatas,
Nem pão, nem caldo d'unto ou codea de toucinho,
Regado no calor dum abundante vinho...
Eu gosto de eleições... ao acto dou apreço...
E lembro, com saudade, as do *não te conheço!*...

Agora um pormenor, que, por não ter igual,
Eu registei aqui, na Praça do Toural:
Em grupo — *matulões*, já «roncas», já barbados,
Em futebol e dança exímios... versados...
Compravam à porfia, em várias conjecturas,
Envelopes, a granel, do «Mundo de Aventuras».
(O' ansia infantil! O' ingénua ambição!)
De quem de tudo quer ter boa colecção...
E logo constatei que trazem na «cachola»,
De cor, velhas lições de História da escola...
Té qui, tudo está bem... é racional... é justo...
Porém, o que não é, e só suporto a custo,
E' termos de *gramar*, zumbindo nos ouvidos,
Em grito de matraca: «O' pá, tens repetidos?»

Também, ó Guimarães, queremos teu progresso
E, mais que o teu progresso, a tua intensa vida...
Arredem-se de nós a incúria... o retrocesso...
Tu és a Terra-Mãe da Nossa Pátria Qu'rida!
Já tens a realçar, na recta das clareiras,
Cruzando, suavemente, as lindas passadeiras
A indicar ao incauto e tímido peão,
Que a sua rota é sempre e sempre pela mão...
Cafés há a fartar, reclames luminosos;
Nas fondas e nos *bars* petiscos saborosos;
E assim nosso Toural (quem é que mais require?)
E' uma *Plaza Mayor* ou um *Trafalgar Square!*...
Aurora d'esperança ao longe se desenha,
E, assim, em galardão, de todos o primeiro,
Terás, sob o luar de prata de janeiro,
Carreiras, de hora a hora, o circundar da *Penha!*...

Verás, acarinhado, esplendoroso e belo,
Em traça genial, o Parque do Castelo,
Que nunca mais será 'stendal de vendilhões
De vacas e de bois, vitelas e leitões!...
O' *Araduca* linda, abafa esses teus ais...
E' pouco o que tu tens... terás mais, muito mais...

Tiveste horas de glória e nobre exaltação,
Nos dias, sem igual, da Grande *Exposição!*
Tiveste horas de honor, tão alto quam lendário,
Nos dias sem igual do nosso *Milenário!*
Fizeste-nos viver, em quadro medieval,
Horas de gran 'splendor, nesse *Paço Ducal*
Que foi solar de Reis e Augusto Santuário
De glórias ancestrais — da *Pátria Relicário!*
E, em nobre geração de *Príncipes e Reis*,
Cingiste a fronte augnsta d'áureos laureis!
Por isso no teu seio, ó meu *Sacrário-Altar*,
Eu vi ajoelhar *Craveiro e Salazar!*

Espera, Guimarães, tiveste uma promessa
Daquilo que *faz minga* e por aqui começa:
Terás, ó nobre Terra, a despertar cobiça,
O teu monumental *Palácio da Justiça!*
E muito mais virá, (não é simples papel):
Terás o *Regimento e mai-lo* seu *Quartel!*
E para que no fim também não fiques mal,
O *Stádio* em que jogar's será *Municipal!*
Por tudo o que te digo, eu fico fiador...
Por isso, espera... espera... espera, por favor!

Falange de Minerva, audazes artilheiros,
Com calma regulai os tiros mais certos,
Mandando um *ultimato* às tribus das *Guianas*
E as fúrias cessarão, por mais cruéis... insanas...
Acabareis de vez co'a *Guerra da Crimeia*,
Pois a ONU 'stá farta e a Humanidade cheia...
E, por que se não falte ao que regula o *Pacto*,
Mandai-lhe pelo ar, *mil aviões de jacto!*...
E por que a *Lei* não seja a voz de vil atoarda,
Mandai-lhe como amostra *Atómica Bombarda!*...
E, quando a *Europa*, enfim, já para nada preste,
Acabareis de vez c'o *Caso de Trieste!*...
E, se até nós vier, em gesto prepotente,
Algum poder do Norte, ou Sul, ou do Oriente...
Mostrar-lhe-eis, ali, na *Senhora da Guia*,
Trincheiras da mais alta e forte engenharia!...
Bocarras de pavor... hiantes... infernais...
Clamando altivamente: *Aqui vós não passais!*
Dois Mil já perto vêm, (mistério profundo!)
Por isso, desde já *acabareis c'o Mundo!*

MENDES SIMÕES.